

AMOR FATI E A DOUTRINA DO ETERNO RETORNO EM NIETZSCHE

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-Reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Vitor Guimarães¹
Apoio: PIVIC Mackenzie

Angela Zamora Cilento²

CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA

10415313@mackenzista.com.br
angela.rezende@mackenzie.br

2025

¹ Aluno do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutora em Educação, Arte e História da Cultura pela mesma instituição.

RESUMO

Este trabalho visa estudar os conceitos de amor fati e eterno retorno na filosofia do pensador alemão Friedrich Nietzsche. Estes dois conceitos-chave de seu pensamento se articulam entre várias de suas obras e se relacionam com outros conceitos nietzschianos importantíssimos como os valores, o niilismo e, também, sua visão sobre a história. Estes conceitos nietzschianos de amor fati e eterno retorno, além de possuírem uma grande importância da fase intermediária à fase madura do filósofo, também carregam uma grande capacidade transformadora para quem se dispuser a estudá-los e internalizá-los à sua maneira. Conforme escrito por Scarlett Marton, o eterno retorno é a “mais elevada forma de afirmação que pode ser alcançada”, esta “absoluta e infinita repetição circular de todas as coisas” é o que Nietzsche chama de *o maior dos pesos*. Este artigo, portanto, visa abordar este conceito, assim como a proposição nietzschiana para conseguir aceitar esta ideia sem desmoronar-se em niilismo, amando o destino, amando a fatalidade e tornando possível o dizer Sim para a vida.

Palavras-chave: NIETZSCHE, FILOSOFIA ALEMÃ, ETERNO RETORNO, AMOR FATI

ABSTRACT

This work targets the study of the concepts of amor fati and eternal recurrence in the philosophy of german thinker Friedrich Nietzsche. This two key-concepts of his thinking are articulated among many of his works and are related to other very important Nietzschean concepts such as values, nihilism and, also, his vision of History. These Nietzschean concepts of amor fati and eternal recurrence, besides having a great importance in the intermediary and mature phase of the philosopher, also carry a great transforming capacity to who is opened to study and internalize them in their own manner. As written by Scarlett Marton, the eternal recurrence is the “the most elevated form of affirmation that can be reached”, this “absolute and infinite circular repetition of all things” is what Nietzsche calls *the greatest weight*. So, this article aims to approach this concept, as the Nietzschean proposition to be able to accept this idea without crumbling into nihilism, loving faith, loving fatality and making it possible to say Yes to life.

Keywords: NIETZSCHE, GERMAN PHILOSOPHY, ETERNAL RECURRENCE, AMOR FATI

1. INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche, filólogo e filósofo alemão nascido em 1844 em Röcken e falecido em 1900 em Weimar é um dos filósofos mais intrigantes da história da Filosofia. Em nossas pesquisas anteriores nos ativemos às críticas realizadas por ele à concepção de história elaborada pela metafísica e de modo especial, pela filosofia hegeliana: uma concepção linear, causal e teleológica da história. Estas críticas apontam para uma nova concepção de história que envolvem a doutrina do eterno retorno e o conceito de amor fati que estão presentes da fase intermediária à fase madura do pensador. Ambos os conceitos surgem em suas anotações no ano de 1881 e são abordados em *A Gaia Ciência*, de 1882, onde os encontramos nos aforismos 267 (amor fati) e 341 (eterno retorno). Apesar de, no livro, os conceitos seguirem esta ordem, o conceito de amor fati para Nietzsche vem a seguir à doutrina do eterno retorno.

Tudo retorna sem cessar. Se o universo tivesse algum objetivo, já o teria atingido; se tivesse alguma finalidade, já a teria realizado. (...) Todos os dados são conhecidos: finitos são os elementos que constituem o universo, finito é o número de combinações entre eles; só o tempo é eterno. Tudo já existiu e tudo tornará a existir. (MARTON, 2016b, p. 30)

Entre os anos de 1883 e 1885 escreveu uma de suas obras mais icônicas, *Assim falou Zaratustra*. Escrito entre a Itália, França e Suíça, foram necessários apenas 40 dias de trabalho para Nietzsche redigir esta obra. Em janeiro de 1883, no vilarejo italiano de Portofino escreveu em 10 dias a primeira parte da obra, em julho deste mesmo ano, no vilarejo suíço de Sils Maria escreveu em 10 dias a segunda parte, e em janeiro de 1884, também em 10 dias, escreveu a terceira em Nice, hoje uma das maiores cidades francesas. No ano de 1885, ainda em Nice, mais uma vez foram necessários apenas 10 dias para que Nietzsche elaborasse a parte final de *Assim falou Zaratustra*. Nesta obra, a personagem principal, Zaratustra, “é o anunciador do além-do-homem, é o arauto do eterno retorno, é ‘aquele que sempre afirma’” (MARTON, 2016b, p. 31) e a doutrina do *eterno retorno* é seu substrato. Esta doutrina, conforme o próprio Nietzsche explicita em *Ecce Homo*, trata da “absoluta e infinita repetição circular de todas as coisas, de um pensamento que é a mais elevada forma de afirmação que pode ser alcançada” (MARTON, 2016a, p. 212). Ora, é afirmadora na medida que se configura em total antagonismo com a ideia de um eterno retorno do mesmo, que desenvolveremos adiante.

Baseado em uma personalidade histórica, da qual tão pouco se sabe, Zaratustra viveu em algum momento incerto entre os séculos XII e VI a.C., no atual território do Irã³ (SOUZA in NIETZSCHE, 2018, p. 337). Como Paulo César de Souza explicita em seu posfácio de *Assim falou Zaratustra*, é a Zaratustra que é atribuída a concepção de um universo em que o

³ NIETZSCHE, F. Za/ZA, Posfácio por Paulo César de Souza

mal/escuridão se encontra em eterno conflito com o bem/luz. Foi esta personagem que viu a batalha entre bem e mal como “roda motriz na engrenagem das coisas”. Tendo criado a moral, portanto, compreende ser, também, quem primeiro deve reconhecer que é ela o mais fatal dos erros. No prólogo do livro, Zaratustra vai de encontro aos homens após anos vivendo nas montanhas e avisa ao povo da morte de Deus, no dia seguinte passando a ser acompanhado de seus animais, a serpente e a águia. Assim falou Zaratustra, acima de tudo, é formado por falas de seu protagonista e tem o eterno retorno das coisas como ideia fundamental⁴. Esta é a doutrina, conforme explicitada em *Ecce Homo*, da “absoluta e infinita repetição circular de todas as coisas, de um pensamento que é a mais elevada forma de afirmação que pode ser alcançada” (MARTON, 2016a, p. 212).

Neste sentido, enquanto uma doutrina afirmadora da vida, encontramos no aforismo 276 de *A Gaia Ciência* a designação do que seria o amor fati: um amor ao destino, a tal ponto que se se pudesse viver novamente a vida tal como se apresenta no presente, o sujeito pudesse dizer: “Sim, eu quero vivê-la de novo e quantas vezes mais”. Tal aceção não é tão simples, implica em viver cada instante como se ele pudesse reaparecer novamente tal como foi vivido. Implica em tornar sua própria existência uma obra de arte – algo digno de ser vivido. Querer “ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!”⁵ (NIETZSCHE, 2012, 166). Esta assertiva, ao analisarmos em paralelo – ou, na verdade, como consequência – refere-se à ideia que nos é apresentada no aforismo 341 de *A Gaia Ciência*, o eterno retorno como sendo viver a vida novamente incontáveis vezes, onde nada existirá de novo, nela “cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem”⁶ (NIETZSCHE, 2012, p. 205), podemos, assim, observar a magnitude desta afirmação. Seríamos, nós ou qualquer um, capazes de dizer ‘sim’ neste caso?

Diante do exposto, nossa pesquisa se concentra nas análises de Nietzsche sobre a história, o que nos permitirá compreender os valores vigentes na cultura ocidental e suas relações com a interpretação escrava da existência e do niilismo. Como pudemos perceber, a dimensão crítica da filosofia nietzschiana não se encerra nesta dimensão, mas é, antes de tudo, a proposição de uma nova transvaloração dos valores que implica na construção de um niilismo

⁴ NIETZSCHE, F. Za/ZA, Posfácio por Paulo César de Souza

⁵ NIETZSCHE, F. FW/GC, IV, 276.

⁶ NIETZSCHE, F. FW/GC, IV, 341.

ativo, de valores afirmadores da vida e, para tanto, em uma nova concepção de história que tem a doutrina do eterno retorno em seu eixo principal, bem como o conceito de amor fati.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Tanto a doutrina do eterno retorno quanto o conceito amor fati são elementos seminais quando pensamos na filosofia de Friedrich Nietzsche, principalmente no que tange à sua concepção de história e de seu projeto – uma nova transvaloração dos valores. Nela, encontramos uma crítica veemente aos valores estabelecidos pela metafísica e pela filosofia hegeliana e até mesmo a de Schopenhauer que, em sua filosofia madura, aponta para valores decadentes e impulsiona o niilismo. Ora, as análises promovidas pelo método genealógico criam grandes rupturas no que concerne à filosofia da história e aos valores. Por outro lado, uma vez que a crítica não basta, Nietzsche apresenta uma dimensão propositiva em sua filosofia que avança para a criação do além-do-homem e de uma estética da existência (de um niilismo ativo, da ideia de tornar a sua própria existência uma obra-de-arte), o que implica em uma nova concepção de história que abarca a doutrina do eterno retorno:

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!⁷ (NIETZSCHE, 2012, 166)

Amor fati, é uma expressão latina que significa, literalmente, amor ao destino (ou à fatalidade). Amar o que quer que seja necessário, não querendo nada de outra maneira nem em relação ao passado – pois é preciso amar tudo o que passou que não poderia ter sido de outro modo, nem ao futuro – uma vez que é necessário amar tudo o que virá, e também a eternidade – pois amar o instante é essencial, uma vez que cada momento pode ser repetido de forma idêntica pelo *eterno retorno* (MARTON, 2016a, p. 110).

Esta vida como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem (...). A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!⁸ (NIETZSCHE, 2012, p. 205)

A doutrina do *eterno retorno* é a “absoluta e infinita repetição circular de todas as coisas, de um pensamento que é a mais elevada forma de afirmação que pode ser alcançada”

⁷ NIETZSCHE, F. FW/GC, IV, 276.

⁸ NIETZSCHE, F. FW/GC, IV, 341

(MARTON, 2016a, p. 212). No trecho acima, do aforismo 341 de *A Gaia Ciência*, Nietzsche pergunta o que aconteceria se um demônio aparecesse e proferisse a fala citada. “Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: ‘Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!’” (NIETZSCHE, 2012, p. 205). Ao longo deste trabalho trilharemos o caminho entre estes dois conceitos fundamentais da filosofia nietzschiana, o eterno retorno e o amor fati, passando por suas relações com o niilismo e, também, com os valores, outros temas fundamentais para Nietzsche, ou seja, buscaremos encontrar qual a proposição de Nietzsche de superação do eterno retorno do mesmo, alcançando, assim, o amor fati.

A relevância deste trabalho consiste em duas esferas – a primeira se refere aos estudos sobre a filosofia da história que por si só são relevantes posto que combatem o niilismo que avança sem trégua no mundo contemporâneo. A segunda, diz respeito à dimensão estética da existência – a possibilidade de amar a vida, mesmo em sua caoticidade e crueza, e agir de tal modo a tornar a sua existência uma obra de arte. A apropriação das ideias de Nietzsche provoca uma grande transformação (após a compreensão precisa de seus conceitos e teorias) na vida de quem estiver disposto a estudá-las e internalizá-las em sua própria medida.

2.1 – O valor dos valores

Em sua *Segunda Consideração Extemporânea*, intitulada *Sobre as vantagens e desvantagens da história para a vida*, encontraremos o início do desassossego nietzscheano sobre a visão linear, causal e teleológica da história predominante na cultura europeia de seu tempo, realizando sobretudo, ferrenhas críticas à filosofia hegeliana. Posteriormente, em seus escritos de maturidade, dá continuidade a estas críticas sob o crivo do método genealógico. Este avalia a história a partir de uma dupla origem dos valores na origem, bem como suas alterações no decorrer da história. “A genealogia consiste no estudo e no conhecimento da criação e de condições de criação dos valores, enquanto procedimento que coloca os próprios valores em questão quando pergunta o valor deles” (MARTON, 2016a, p. 243). O método genealógico permitirá a investigação dos valores em sua dupla gênese – não há uma única origem dos valores como se apregoava até então.

(...) por fim, uma nova exigência se faz ouvir. Enunciemo-la, esta *nova exigência*: necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram

⁹ NIETZSCHE, F. FW/GC, IV, 341

(moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado. (...) E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que *às expensas do futuro*?¹⁰ (NIETZSCHE, 2009, p.11-12)

Ao colocar em questão o valor dos valores, coloca-se em xeque toda a história da cultura ocidental e de seu próprio modo de ser. Para Nietzsche, tais valores nunca antes dele haviam sido questionados, eram tidos como dados e *ahistóricos*. Com a instituição do método genealógico, se busca o rastreamento de sua formação. Esta investigação permitirá ao pensador identificar que a trajetória da cultura ocidental caminha para a produção de um homem menor, covarde, vil, mentiroso, ressentido para com a vida, incapaz de agir.

2.2 – A dupla origem dos valores na origem: “*Bom e mau*”; “*bom e ruim*”

A genealogia identifica uma **dupla origem dos valores** na origem. Em sua obra, Nietzsche explora os perfis psicológicos do senhor e do escravo, a partir “de uma hierarquia entre eles que lhe permitirá diagnosticar os valores em sua qualidade e quantidade, de modo a estabelecer as distinções entre ‘bom e ruim’ e de ‘bom e mau’, respectivamente.” (CILENTO, 2022, p. 60).

Os valores, enquanto referidos ao seu nascimento, podem provir tanto do nobre quanto do vil. Por isso, encontram-se avaliações divergentes com relação à moralidade e aos seus valores, por decorrerem de modos distintos de avaliar. A genealogia vai buscar a gênese de determinado valor a partir de um distanciamento dele para justamente poder analisar as condições de sua criação como provenientes de uma avaliação nobre ou vil. (MARTON, 2016a, p. 243-244)

No instante em que Nietzsche passa a colocar o valor dos valores em questão, precisa recorrer à história que “requer a elucidação do imenso texto hieroglífico do passado humano em que se encontram as lutas entre os tipos forte e fraco, senhor e escravo, na determinação dos valores” (MARTON, 2016a, p. 257). Há valores que são oriundos de uma interpretação **afirmativa** da vida como o fizeram os gregos e outros povos guerreiros: “Na raiz de todas as raças nobres é difícil não reconhecer o animal de rapina, a magnífica *besta loura* que vagueia ávida de espólios e vitórias (...) nobreza romana, árabe, germânica, japonesa, heróis homéricos, vikings escandinavos¹¹” (NIETZSCHE, 2009, p. 29). Uma das grandes distinções elaboradas pelo pensador alemão se circunscreve à ideia de que estes povos ávidos de ação, prefeririam uma vida curta e intensa à uma vida cômoda e tranquila, se sentiam “*bem-nascidos*” e não

¹⁰NIETZSCHE, F. GM/GM, Prólogo, 6

¹¹ NIETZSCHE, F. GM/GM, I, 11

precisavam construir artificialmente sua felicidade. São homens de forte constituição fisiológica, pois neles se encontra um excedente de forças que desejam o domínio, capazes de enfrentarem as vicissitudes da vida, sem ressentirem-se com ela, sem acusá-la pelo que ela é: caos e devir.

Por isso, partem de si mesmos para criarem seus valores, resultando em uma moral de glorificação de si. Para tanto, estes homens estabelecem as noções de juízos “bom e ruim”, tomando como ponto de partida a ideia de que pertencem à uma categoria superior de homem e, portanto, o outro é um fator secundário, pois não sentem a necessidade dele para agirem ou interpretarem o mundo, mantendo uma certa distância e desprezo para com aqueles que são submissos. Isto implica na designação de que eles são ‘bons’ e os outros: covardes, vis, mentirosos, medrosos, os que se autodesprezam ou rebaixam a si mesmos – são ruins, ressaltando a oposição entre ‘nobre’ e ‘desprezível’. Aqui encontramos a primeira oposição: **‘bom’ x ‘ruim’**. Mas, as ações consideradas ‘boas’ por eles, nem sempre são compreendidas pelos outros, provocando medo e temor. O que é ‘bom’ para o Senhor, é ‘mau’ para o seu antípoda o escravo: “o juízo ‘bom’ *não* provém daqueles aos quais se fez o bem¹²” (NIETZSCHE, 2009, p.16) Ao examinar esta dupla fonte dos valores na origem, Nietzsche nota que os dominantes e oprimidos enxergam estes conceitos de maneira drasticamente diferente. Cada um, afinal, seja o dominante ou o oprimido, atribui para si a posição de bom e ao outro seu oposto. O forte, o dominante, parte de si para pensar que é o ‘bom’, o oprimido parte do outro, afirmando que quem o domina e oprime é o ‘mau’ a princípio. “O fraco só consegue afirmar-se negando aquele a quem não pode igualar-se. Negação e oposição: essa é a lógica da moral do ressentimento” (MARTON, 2016a, p. 406-407). Ora, como já pudemos perceber, o perfil psicológico do escravo está alinhado a povos que não são constituídos por uma moral aristocrático-guerreira, em parte, provenientes de uma linhagem sacerdotal ou que concebem a existência como apenas uma passagem para uma ‘outra vida’ e ‘outro mundo’, retirando da vida o seu verdadeiro valor. Em outros termos, são homens provenientes de uma interpretação que, cuja fisiologia, **deprecia a vida**. Entendem-na como um fardo e a felicidade como um entorpecimento – uma narcose, como sossego e paz. Então, os escravos, impedidos de agir, porque são fracos, acabam por se tornarem ressentidos para com a vida, acusando-a de ser o que ela é - o devir e caos - criaram máscaras: interpretações que permitiram camuflar astuciosamente as dores, dando um outro sentido para a existência.

¹² NIETZSCHE, F. GM/GM, I, 2

Assim, o escravo se torna cada vez mais manso – o que, para Nietzsche, representa a mediocridade, uma vez que a força e a potência quando reprimidas, resultam em uma atividade que se volta contra si – rancorosamente. Impedido de descarregar suas pulsões, o escravo cria valores a partir de um mundo que lhe é oposto e exterior, substituindo a ‘relação real de significação por uma relação imaginária’ (Cilento apud Deleuze, 1995, p.108). Em outros termos, o escravo inverte e deforma os valores do senhor. (CILENTO, 1995, p.108)

Destarte, o escravo, por seu turno, não parte de si para criar os valores e opera uma vingança imaginária contra o senhor: Desenha-se, portanto o “‘ruim’ de origem nobre e aquele ‘mau’ que vem do caldeirão do ódio insatisfeito¹³”(NIETZSCHE, 2009, p.28). Em outras palavras, o escravo só consegue conceber a si mesmo, a partir de um não-eu, de um outro, por derivação. Reprimido, por não poder agir, acusa o outro por fazê-lo, exige que a força não se expresse como força, imaginando uma força separada do que ela pode. Para Nietzsche, isto é uma ficção, pois “estabelece uma relação de causa/efeito das forças. Há uma causa separada dos efeitos. O escravo projeta uma imagem de sujeito como causador da ação: isto é, o sujeito seria livre para agir ou não.” (CILENTO, 1995, p.109). Neste movimento, o escravo acaba por transformar e inverter as virtudes do senhor, ao apresentar o seu não agir como mérito, opera uma vingança imaginária contra os fortes, denominado pelo pensador como ‘transvaloração dos valores’.

A fraqueza é mentirosamente mudada em mérito, não há dúvida – (...) a impotência que não acerta contas é mudada em ‘bondade’; a baixeza medrosa, em ‘humildade’; a submissão àqueles que se odeia em ‘obediência’ (...) O que há de inofensivo no fraco, a própria covardia na qual é pródigo, seu aguardar-na-porta, seu inevitável ter-de-esperar, recebe aqui o bom nome de ‘paciência’, chama-se também a virtude; o não poder vingar-se chama-se não querer vingar-se, talvez mesmo perdão.¹⁴ (NIETZSCHE, 2009, p.34-35)

No entanto, foi a interpretação escrava da existência, por meio desta transvaloração dos valores que vingou na história do ocidente: “A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação¹⁵”. (NIETZSCHE, 2009, p. 26) Neste sentido, os valores apregoados pelo escravo nascem de um mundo que lhe é oposto e exterior, diferentemente dos senhores, não agem, apenas reagem. O destino do opressor, para ele, será o de expiar suas faltas no mundo supraterrâneo, garantindo assim que sua impotência se torne meritória, pois reprova todas as ações do senhor. Munido de uma extrema memória, remói cada ato e atribui a causa de sua

¹³ NIETZSCHE, F. GM/GM, I, 11

¹⁴ NIETZSCHE, F. GM/GM, I, 14

¹⁵ NIETZSCHE, F. GM/GM, I, 10

infelicidade ao erro de alguém, a um outro. O escravo também é o homem do lucro e do proveito e ri sempre às custas da depreciação de alguém. Além do ressentimento provocado pela transvaloração dos valores, Nietzsche também apresenta um segundo movimento, o do surgimento da má-consciência: quando os instintos são voltados contra si mesmo: o escravo ao invés de acusar o outro, passa a se culpar pela sua própria infelicidade, evidenciando uma vontade de maltratar-se a si mesmo. O ressentido, pelas mãos do sacerdote ascético, conforme lemos na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*, é convertido em pecador. Este se torna um eterno devedor diante de Deus, proibindo-se de ser feliz e atormentado pela indignidade de sua existência.

A genealogia denuncia o crescente avanço do niilismo, transformando os fortes em fracos. Em suma, podemos notar a complexidade pertencente ao perfil psicológico do escravo que desabona esta vida e este mundo em favor de um mundo ‘outro’ e ‘melhor’. Ora, esta interpretação ocorre para a maioria dos povos conhecidos e é a base da metafísica e da religião. Se todos os povos tivessem permanecido neste primeiro estágio do niilismo – o niilismo **negativo**, a vida teria um sentido, pois é o mundo supraterrâneo que doa ao homem um sentido para a existência. Contudo, ao estudar o fenômeno do niilismo, Nietzsche percebe seus avanços – um segundo estágio seria o niilismo **reativo**, quando o mundo supraterrâneo é abolido, fenômeno que pode ser observado na trajetória da cultura ocidental: “o mundo suprassensível está sem força de atuação. Ele não fomenta mais vida alguma. (...) a filosofia ocidental entendida como Platonismo, está no fim. Nietzsche compreende a sua própria filosofia enquanto o contramovimento ante a metafísica”. (HEIDEGGER, 2003, p. 478). Por fim, ao compreender que o motor da história é o niilismo, conforme comenta Deleuze, elabora o conceito de niilismo **passivo**. O niilismo passivo se configura à luz da ideia de que o homem compreende a vida como um grande tédio – não deseja nada, apenas morrer doce e tranquilamente, sua vontade é próxima de zero.

Estas digressões nos permitirão chegar à uma melhor compreensão da filosofia nietzschiana em sua dimensão propositiva, pois torna-se imprescindível realizar uma **nova transvaloração dos valores**, por meio de um niilismo ativo – movimento este que poderá ser vislumbrado por nós em *Assim Falou Zaratustra*, que discorreremos adiante, lançando fora todo o ressentimento, culpa, infelicidade e o sentimento de indignidade da própria existência quando da doutrina do eterno retorno e do conceito de amor fati. Esta dimensão propositiva é reiterada por Fillon (2023, p.44). O comentador resgata uma passagem de *Aurora* que afirma o filósofo é caracterizado como um experimentador. Ele é, antes de tudo “um *espírito livre*, um espírito

que pensa e sente de outra forma, que se libertou, graças à sua probidade, de crenças e preconceitos diversos, mas que transpõe na ordem da vida e da ação sua liberdade de espírito”.

Quem já estaria agora em condições de descrever o que substituirá, um dia, os juízos morais? – ainda que possamos ver claramente que todos os seus fundamentos se acham defeituosos e que seu edifício não permite reparação: seu caráter obrigatório diminuirá dia após dia, enquanto não diminuir o caráter obrigatório da razão! Construir novamente as leis da vida e do agir – para essa tarefa nossas ciências da fisiologia, da medicina, da sociedade e da solidão não se acham ainda suficientemente seguras de si: e somente delas podemos extrair as pedras fundamentais para novos ideais Aurora (se não os próprios ideais mesmos¹⁶). (NIETZSCHE, 2016, p. 208)

Desta forma, diante do contexto da modernidade, o pensador alemão nos convoca a elaborarmos uma nova tábua de valores, tomando como ponto de partida a própria vida (óptica da vida) que deve orientada com base na fisiologia (fortes e fracos), na medicina (saúde e doença), avaliando os rumos e alternativas da própria sociedade moderna. À filosofia não cabe apenas pensar de outra maneira ou ser um exercício crítico, “ela deve converter seu conhecimento novo em ação, fazendo experiências e tentativas sobre as apreciações de valores, que é a única maneira de criá-los”. O filósofo deve experimentar, tentar e ser “desprovido da crença no caráter incondicionado dos valores” (FILLON, 2023, p. 44). Ele deve percorrer sem certezas os caminhos.

Essa imagem da experimentação e da exploração representa o trabalho de criação de valores. O filósofo deve multiplicar os métodos, os saberes, as experiências, para se desprender dos valores dominantes, guardar suficiente distância e lucidez diante deles, e avaliá-los, para então começar a experimentar os caminhos que se abrem a novas formas de viver. Nenhum método seguro, nenhum critério teórico pode definir previamente um bom caminho. Não se pode mais que avançar às apalpadelas, improvisar, fazer as experiências que podem se verificar fecundas ou decepcionantes. (FILLON, 2023, p. 44-45)

Assim sendo, “a criação de novos valores e a busca dos instrumentos práticos para torná-la possível tornam-se o horizonte primordial do filósofo” (FILLON, 2023, p. 43-44). Diante do inevitável avanço do niilismo e de um caminho repleto de incertezas, deve-se primar pela construção e pelo experimento de si mesmo: “nesse interregno, é ser o máximo possível nossos próprios *reges* [reis] e fundar pequenos *Estados experimentais*. Nós somos experimentos: sejamo-lo de bom grado!¹⁷” (NIETZSCHE, 2016, p. 208)

2.3 – O eterno retorno do mesmo

¹⁶ NIETZSCHE, F. M/A, 453

¹⁷ NIETZSCHE, F. M/A, 453

Conforme afirma Mircea Eliade em seu livro *Mito e Realidade* (2016, p. 61) esta teoria cíclica do Eterno Retorno aparece nos povos arcaicos, e na filosofia pré-socrática - Heráclito, em especial. Como já anunciamos anteriormente, Nietzsche não desconhecia a teoria do eterno retorno, sendo filólogo de formação. Para os povos arcaicos, contudo, tal concepção é completamente diferente. Para eles, todos os entes são a manifestação de um ato primordial, de um ato divino de criação. O homem não cria nada, tudo o que ele faz já foi realizado no tempo primordial – sua vida é uma repetição dos atos inaugurados pelos deuses. Os gestos realizados pelo homem só ganham sentido a partir da rememoração e repetição dos atos dos deuses quando da criação do mundo e de cada coisa que nele há. Para Mircea Eliade, o homem arcaico não atribui valor aos acontecimentos históricos, na verdade procuram abolir-los: “Sabemos que se defendiam dela abolindo-a periodicamente graças à repetição da cosmogonia e à regeneração periódica do tempo, ou atribuindo aos acontecimentos históricos um significado meta-histórico, significado esse que não era só consolador como, sobretudo, coerente, ou seja, susceptível de se integrar num sistema bem articulado em que o Cosmos e a existência humana tinham, cada um sua razão de ser.” (ELIADE, 2016, p. 154)

O antropólogo romeno nos explicita que o tempo cíclico é o tempo de regeneração da história. Para os povos arcaicos, toda a fundamentação de seu modo de vida e de sua existência só tem sentido e significado a partir da narrativa mítica, do mito cosmogônico que remete ao tempo primordial. Após a criação, o mundo – antes paradisíaco, se encontra sob o império do devir, devorando tudo e todos. Os rituais de ano novo, procuram forçar magicamente a Terra ao retorno a este tempo fabuloso do início – o tempo, para eles, é cíclico, diferentemente da concepção do homem ocidental moderno, cuja concepção é linear e causal. De tempos em tempos, a Terra precisa ser simbolicamente renovada para que ela venha a resgatar uma porção de sua vitalidade, profusão e abundância quando do momento de sua criação. Este conhecimento sobre o eterno retorno não se deve apenas à antropologia. Nietzsche também a encontra em Heráclito. O pensador alemão chega a afirmar em *Ecce Homo*, em relação a Heráclito, que em sua “vizinhança sinto-me mais cálido e bem-disposto do que em qualquer outro lugar¹⁸” (NIETZSCHE, 2008, p. 62). Nietzsche também afirma, em seguida:

A doutrina do ‘eterno retorno’, ou seja, do ciclo absoluto e infinitamente repetido de todas as coisas – essa doutrina de Zarathustra *poderia* afinal ter sido ensinada também por Heráclito. Ao menos encontram-se traços dela no estoicismo, que herdou de Heráclito quase todas as suas ideias fundamentais.¹⁹ (NIETZSCHE, 2008, p. 62)

¹⁸ NIETZSCHE, F. EH/EH, O nascimento da tragédia, 3

¹⁹ NIETZSCHE, F. EH/EH, O nascimento da tragédia, 3

Porém, como sabemos, a filosofia nietzschiana é repleta de labirintos. Apesar destas pistas, é importante frisarmos, como afirma Newton Pereira Amusquivar Junior (2019, p. 211), que não estamos aqui para afirmar que “o eterno retorno encontra-se nos fragmentos de Heráclito, nem verificar se a interpretação de Nietzsche está correta ou não, mas notar como há em Heráclito, para Nietzsche, uma recepção na doutrina do eterno retorno.” Também, conforme afirma Marton sobre Nietzsche:

Na juventude, descobrira os filósofos pré-socráticos e, entre eles, Heráclito – com a ideia de um movimento circular, pelo qual o universo passa de um primitivo frescor à maturidade e decrepitude, para ressuscitar intacto. Estudara seitas e religiões orientais, lera sobre persas e fenícios, conhecera o bramanismo e, em particular, o budismo – com a ideia de que o destino é resultado da nossa própria atividade: colhemos o que vimos semeando há séculos; o universo é governado por uma lei de pura contingência: o conjunto de atos livres limitado apenas pelos atos livres do passado. (MARTON, 1982, p. 58-60)

Sendo assim, é possível inferir que Nietzsche já havia tido algum contato com ideias de repetição cíclica em outros pensadores, religiões e culturas. Mas, é em agosto de 1881 que ele a intuiu a doutrina do eterno retorno. Nietzsche relata em sua obra, *Ecce Homo*, como isso se sucedeu no capítulo que ele dedica à sua obra, *Assim Falou Zaratustra*.

2.4 – A doutrina do eterno retorno

Para que possamos compreender a doutrina do eterno retorno em Nietzsche, nos cabe traçar, ao menos em linhas gerais, onde ela está alocada – na terceira parte da obra de *Assim Falou Zaratustra*. A obra em referência faz parte da dimensão propositiva da filosofia de Nietzsche: uma nova tábua de valores que supere o niilismo e a decadência. Para melhor organizarmos nossas ideias, vamos percorrer as passagens mais relevantes dos três primeiros livros. Inicialmente, podemos afirmar que a escolha do nome do protagonista não é aleatória: na Europa do século XIX, havia grande interesse por temas do oriente, entre eles, o zoroastrismo que, particularmente, estava em voga.

“A escolha do nome do Zaratustra de Nietzsche implica, especialmente, uma provocação, com o intento de desfazer a ideia do persa Zoroastro sobre a distinção entre bem e mal.” (BRITO, 2016, p.284). Como vimos nos tópicos anteriores, quando do perfil psicológico do senhor e do escravo vislumbrado desde as suas obras de juventude até a instalação do método genealógico, o que Nietzsche objetiva é a busca por novos valores afirmativos da vida. Deste modo, Nietzsche reconhece a alteração dos valores ao longo da história e entende ser necessária uma nova transvaloração. O protagonista, Zaratustra, realiza esta tarefa, de certo modo: superando o eterno retorno do mesmo, redimindo tudo o que já se passou e contrapondo tópico

por tópico as premissas de Zoroastro. O zoroastrismo foi uma religião monoteísta e ética adotada na antiga Pérsia, influenciando com seus princípios muitas outras religiões como budismo, gnosticismo e religiões abraâmicas que apregoava a existência de um único deus, com concepções de livre-arbítrio, julgamento e de céu e inferno. Nas narrativas mais comuns sobre Zoroastro encontramos o seu isolamento dos 20 aos 30 anos. Então, saindo de seu retiro, passa os próximos dez anos pregando, mas é repudiado pelo povo diante de suas ideias que confrontavam com as crenças instituídas. É perseguido e hostilizado pelos sacerdotes, até a conversão do rei Vishtaspa que passou a difundir sua doutrina. Encontraremos a mesma analogia no Prólogo de *Assim Falou Zaratustra*. “

Aos trinta anos de idade, Zaratustra deixou sua pátria e o lago de sua pátria e foi para as montanhas. Ali gozou do seu espírito e de sua solidão e durante dez anos não se cansou. Mas enfim seu coração mudou (...) Zaratustra desceu sozinho pela montanha (...) chegou à cidade mais próxima²⁰ (NIETZSCHE, 2018, p. 10-12)

Começa a pregar anunciando o além-do-homem e a morte de Deus. Porém, não foi ouvido. Ainda no livro I, encontra um equilibrista que acaba morto por um palhaço enquanto atravessa uma corda entre as duas torres de uma praça. Zaratustra, então, sepulta o equilibrista e encontra, na manhã seguinte, a águia e a serpente que o seguirão. Neste momento, “quando o sol se achava no meio-dia”, Zaratustra olha para o céu ao ouvir o grito de um pássaro. Ele vê uma águia desenhando círculos no ar e, nela, enrodilhada uma serpente. Ao vê-las, Zaratustra afirma: “Estes são meus animais!²¹” (NIETZSCHE, 2018, p. 23). Neste excerto já vemos os círculos, o cíclico sendo desenhado. A “águia e a serpente que anunciarão o pensamento do eterno retorno, mas é o próprio Zaratustra que interpretará a visão que teve e decifrárá o enigma por ela apresentado.” (MARTON, 2016b, p. 25-26). Contudo, é na segunda parte da obra que encontramos o prenúncio e a grande questão que envolve o eterno retorno. Desta parte destacaremos dois capítulos. Zaratustra parte da ilha dos bem-aventurados e de navio, chega à uma ilha próxima onde há um monte fumegante. Lá encontra o povo daquele lugar e um adivinho. Em ‘O adivinho’ há o peso e o pressentimento do eterno retorno do mesmo. Zaratustra encontra um adivinho e ouve sua pregação:

“- e vi descer sobre os homens uma grande tristeza. Os melhores entre eles já se cansaram de suas obras. Uma doutrina surgiu, acompanhada de uma fé: ‘Tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi!’ (...) Todo o trabalho foi em vão, tornou-se veneno o nosso vinho, o mau-olhado crestou nossos campos e corações. Todos nos tornamos secos; se o fogo cair sobre nós, seremos reduzidos a cinzas: - sim, o próprio fogo tornamos cansado. (...)” Assim escutou Zaratustra um adivinho falar; e a profecia deste tocou seu coração

²⁰ NIETZSCHE, F. *Za/ZA*, Prólogo, 1, 2 e 3.

²¹ NIETZSCHE, F. *Za/ZA*, Prólogo, 10.

e o transformou. Ele vagueava triste e cansado, e tornou-se igual àqueles de quem o adivinho falara²². (NIETZSCHE, 2018, p.128-129).

Ora, este homem que nada mais sente pois está completamente desiludido e sem forças, corresponderá à figura do “último homem”. Nele não resta uma ponta de esperança e nem de vontade. Há uma grande tristeza, a ponto de não perceber as dádivas que recebe diariamente da vida e de seu trabalho, como se tudo isso fosse em vão e desprovido de valor. E aqui encontramos uma parcela do que podemos entender por eterno retorno do mesmo – tudo é igual e se repete de tal maneira que não se encontra qualquer conforto ou sentido, enfatizando o caráter destrutivo do eterno retorno do mesmo. “Para a vítima do sentido, a repetição é o niilismo mais selvagem. Encurrala o escravo, suscita o seu querer de autodestruição.” (KOSSOVITCH, 1979, p.97) Ainda na segunda parte, continuamos a narrativa. Depois de ouvir o adivinho, a tristeza de Zaratustra era tanta que ele parou de falar, de comer e beber e acabou dormindo por três dias. Seus discípulos, preocupados, se revezavam em vigílias. Quando acordou Zaratustra narra sobre um sonho que tivera. Ele conta que havia renunciado à toda vida, como um guardião de túmulos que despertou com seu próprio grito diante do espetáculo terrível que contemplara. No capítulo seguinte, “Da Redenção”, Zaratustra ao passar pela ponte é cercado por aleijados e mendigos, cujo porta voz era um corcunda, volta-se para os seus discípulos desalentado. Os seus discípulos o interrogam: “Quem afinal é Zaratustra?” E ele responde da seguinte maneira:

“Eu caminho entre os homens como entre pedaços de um futuro: aquele futuro que enxergo. E este é todo o meu engenho e esforço, eu componho e transformo em um o que é pedaço, enigma e apavorante acaso. E como suportaria eu ser homem, se o homem não fosse também poeta, decifrador de enigmas e redentor do acaso? Redimir o que passou e transmutar todo o ‘Foi’ em ‘Assim eu quis!’ – apenas isto seria para mim redenção! (...) ‘Foi’: assim se chama o ranger de dentes e solitária aflição da vontade. Impotente quanto ao que foi feito – ela é uma irritada espectadora de tudo o que passou. A vontade não pode querer para trás; não poder quebrantar o tempo e o apetite do tempo – eis a solitária aflição da vontade. (...) Que o tempo não ande para trás, isto a enraivece; ‘Aquilo que foi’ – eis o nome da pedra que ela não pode mover. (...) Todo ‘Foi’ é um pedaço, um enigma, um apavorante acaso – até que a vontade criadora fala: “Mas assim eu quis!”²³” (NIETZSCHE, 2018, p.134-136)

Desta longa passagem, nos cabe explicitarmos algumas ideias. A primeira reitera a ideia de que Zaratustra em oposição ao zoroastrismo e à própria metafísica, vem a anunciar uma nova tábua de valores que seja enaltecedora da vida, unificando aquilo que era um fragmento, um pedaço em um todo. Para tanto, é preciso ser um poeta, um decifrador de enigmas e um redentor do acaso. Logo a seguir, exemplifica o que significa esta redenção, estabelecendo a verdadeira

²² NIETZSCHE, F. *Za/ZA*, II, O adivinho.

²³ NIETZSCHE, F. *Za/ZA*, II, Da redenção.

oposição entre o “Foi” e o “Assim eu quis!”. O primeiro termo nos dá a ideia de que o sujeito sofre da história, de coisas que aconteceram e que não se encontravam no poder de suas mãos, por isso, não apenas se conforma, mas também se ressentido com a vida. Se ele pudesse retornar no tempo, voltaria, mas como é impotente para tanto, range os dentes. O “Foi” coloca o homem na mera posição de espectador dos acontecimentos, corroborando com um dos aspectos do eterno retorno do mesmo, da figura do escravo e da vítima do eterno retorno do mesmo: sendo impotente não consegue agir para tornar-se o protagonista de sua própria história. A redenção do acaso, se dá quando se afirma: “Assim eu quis!”, quando apesar das dores e desencontros, apesar das tentativas que foram inglórias, das perdas e decepções, o homem se coloca como detentor das rédeas de sua vida, como escritor de sua história, por isso, não há lamento, mas alegria; não há ressentimento, mas gratidão para com a vida. Esta passagem nos ajuda a compreendermos parcialmente verdadeiro significado de amor fati – amor à vida: daquele que viveu intensamente tudo o que tinha para viver, que não se arrepende excessivamente de tudo o que fez e que se alegra de ter podido experimentar e viver todas estas coisas. Portanto, encontramos aqui um elemento fundamental para a compreensão da doutrina do eterno retorno de Nietzsche: seu caráter **seletivo**. Compreender que tudo se repete, que a vida tem seus ciclos, para alguns será motivo de destruição, para outros, de redenção e de afirmação da vida.

Retomando a narrativa de *Assim falou Zaratustra*, chegamos à terceira parte. Zaratustra se encontra na ilha dos bem-aventurados. No capítulo da “Visão e do Enigma”, Zaratustra encontra o anão da gravidade que subiu sobre os seus ombros. O herói diz: “Alto lá, anão”, falei. “Eu, ou tu! Mas eu sou o mais forte de nós dois -: tu não conheces meu pensamento abismal”. Esse – não poderias suportar!²⁴” (NIETZSCHE, 2018, p. 151). Então o anão desceu dos ombros dele e se acocorou em uma pedra na sua frente. Ali havia um portal. Zaratustra diz que este tem duas faces, dois caminhos que se encontram, um para frente e outro para trás e ninguém nunca os percorreu até o fim. O nome do portal é ‘**instante**’. Para Vattimo, a doutrina do eterno retorno no que tange à importância do instante se reporta à uma hipótese cosmológica, enquanto ciclo, enquanto repetição. Além disso, ao longo da sua obra, Vattimo ressalta a oposição estabelecida entre a concepção cíclica com a concepção linear da história, apregoada pela metafísica e, de modo especial, pela filosofia hegeliana e da supressão do mundo transcendente:

A temporalidade linear que se articula em presente, passado e futuro, cada um deles como repetível, implica que cada momento só tem sentido em função dos outros (...) Se é assim, compreende-se como o eterno retorno deve ter um aspecto ‘cosmológico’: não se trata apenas de construir instantes da existência de tal modo intensos e plenos que se

²⁴ NIETZSCHE, F. *Za/ZA*, II, Da visão e enigma, 2.

passará a querer o seu eterno retorno; mas do facto de instantes deste gênero serem possíveis só na condição de uma radical transformação que suprimisse a distinção entre mundo verdadeiro e aparente e todas as suas implicações. (VATTIMO, 1985, p. 70).

Certamente, as relações entre o pórtico do instante, concepção cíclica e linear da história são muito complexas e requerem maiores desdobramentos que o espaço disponível para este trabalho não permitirá. Na citação acima, também podemos ressaltar que a doutrina do eterno retorno implica na supressão da distinção entre o mundo da realidade sensível e o mundo suprassensível, aniquilando, portanto, toda a tradição metafísica desde Platão. Por isso, encontraremos a expressão em Zaratustra - ‘o sentido da terra’ – como se pudéssemos nos reencontrar com a natureza e no prazer da existência. Zaratustra professa o plano da imanência. Estas considerações nos levam a inferir que apenas o homem feliz é que faz de cada instante o seu poder de afirmação, desejará a repetição, ingrediente do conceito de amor fati. O instante aqui tem um valor incomensurável – enquanto devir, passa, mas a cada instante se dá a possibilidade de autoafirmação, se dá a possibilidade de construir a própria existência enquanto obra-de-arte. Ainda no Livro II, continuando a narrativa, Zaratustra, quando no pórtico do instante, afirma que há uma rua eterna que conduz para trás – “atrás de nós há uma eternidade” e continua:

Tudo aquilo que *pode* andar, de todas as coisas, não tem de haver percorrido esta rua alguma vez? Tudo aquilo que *pode* ocorrer, de todas as coisas, não tem de haver ocorrido, sido feito, transcorrido alguma vez? (...) E todas as coisas não se acham tão firmemente atadas que este instante carrega consigo *todas* as coisas por vir? *Portanto* - – também a si mesmo?²⁵ (NIETZSCHE, 2018, p.152).

Ele ficou assombrado com seus próprios pensamentos. Percebeu que estava sozinho e que havia adormecido e fora acordado pelo uivo de um cão.

Vi um jovem pastor contorcendo-se, sufocando, estremeando, com o rosto deformado, e uma negra, pesada serpente que lhe saía pela boca. Alguma vez vi tanto nojo e pálido horror em um rosto? Havia ele dormido? E a serpente rastejou para dentro de sua garganta – e ali mordeu firmemente. Minha mão puxou e tornou a puxar a serpente: – em vão! não conseguiu puxar a serpente da garganta. Então de dentro de mim se gritou: “Morde! Morde! (...) - Mas o pastor mordeu, tal como lhe disse o meu grito; mordeu com uma boa mordida! Para longe cuspiu a cabeça da serpente –: e levantou-se de um salto. – Não mais um pastor, não mais um homem - um transformado, um iluminado que ria!²⁶” (NIETZSCHE, 2018, p.153-154).

Esta passagem do pastor sufocado pela serpente é crucial para entendermos a doutrina do eterno retorno. Vamos nos deter um pouco mais em sua simbologia. Roberto Machado explica que o pastor é o próprio Zaratustra que se movimenta para lançar longe a cabeça da

²⁵ NIETZSCHE, F. *Za/ZA*, II, Da visão e enigma, 2.

²⁶ NIETZSCHE, F. *Za/ZA*, II, Da visão e enigma, 2.

serpente, o niilismo. Esta tristeza sem fim enunciada pelo adivinho. É justamente este sentimento de sentir-se sufocado, com nojo, tornou Zaratustra doente. Esta passagem ainda merece mais uma consideração, seguindo os rastros de Roberto Machado. Ao imaginar que a vida não tem valor e que ela não é outra coisa, senão uma eterna repetição, uma mesmice, uma rotina, a intuição do eterno retorno se torna uma força opressora. Para Machado, a serpente negra simboliza o niilismo passivo. Nem todos os homens serão capazes de suportar a repetição. Mas aqueles que têm força, coragem para enfrentar o devir e o caos que é a vida, “assumindo este pensamento abissal, a vida se transformará, criando a leveza sobre-humana do riso.” (MACHADO, 2001, p.132) É esta mudança de atitude que faz com que o homem se torne um ‘além-do-homem’. Esta mudança de atitude também é reafirmada por Vattimo enquanto hipótese ética: “Como hipótese ética, a ideia significa apenas que, se se pensasse na possibilidade de cada momento da nossa vida se tornar eterno e se repetir ao infinito, teríamos um exigentíssimo critério de avaliação: só um ser perfeitamente feliz poderia querer uma tal repetição eterna.” (VATTIMO, 1985, p.70) Ainda na terceira parte, Zaratustra viaja novamente pelo mar, chega à terra firme, se recolhe por um tempo e se dirige à grande cidade. Lá é repudiado e volta à sua caverna. No capítulo, “O Convalescente” encontramos Zaratustra às voltas novamente com seu pensamento abissal – o eterno retorno do mesmo. Cai como morto durante sete dias e seus animais lhe fazem companhia. A águia saía em busca de alimentos e quando Zaratustra acorda sua cama está cheia de frutinhas e de cordeiros. O herói se levanta e se sente animado com o aroma.

Por fim, após sete dias Zaratustra se ergueu no leito, pegou um jambo, cheirou-o, e achou agradável seu aroma. Então seus animais acharam que era tempo de lhe falar. “Ó Zaratustra”, disseram eles, “há sete dias estás assim deitado, com os olhos pesados: não queres, enfim, pôr-te novamente em pé? Sai de tua caverna: o mundo te espera como um jardim. O vento brinca com intensos aromas que querem chegar a ti; e todos os riachos desejam ir atrás de ti. Todas as coisas anseiam por ti, desde que ficaste sete dias a sós — sai de tua caverna! Todas as coisas querem ser médicos para ti! Veio-te um novo conhecimento, amargo e pesado? Como uma massa fermentada estiveste aí deitado, tua alma inchou e transbordou por todas as margens. —” — Ó meus animais, respondeu Zaratustra, continuai falando e deixai-me escutar! Anima-me bastante que falais: ali onde se fala, o mundo já me parece um jardim.²⁷ (NIETZSCHE, 2018, p. 207-208)

Seus animais convidam Zaratustra a sair da caverna e entoar novos cânticos. Esta é, a convalescência de Zaratustra. Ele havia sucumbido, pois “o que o entristecia, o impedia de falar e, pela última vez, o faz doente, é o retorno do medíocre, do mesquinho, do reativo, do negativo”

²⁷ NIETZSCHE, F. *Za/ZA*, III, O Convalescente, 2.

(HÉBER-SUFFRIN, 1991, p. 133). Agora, Zaratustra se torna o mestre do eterno retorno.

Dizem seus animais:

Vê, sabemos o que tu ensinas: que todas as coisas eternamente retornam, e nós mesmos com elas, e que eternas vezes já estivemos aqui, juntamente com todas as coisas. Ensinas que há um grande ano do vir-a-ser, uma monstruosidade de grande ano: tal como uma ampulheta, ele tem de virar sempre de novo, a fim de novamente escorrer e transcorrer: - de modo que todos os anos são iguais a si mesmos, nas coisas maiores e também nas menores – de modo que nós mesmos somos iguais a nós mesmos em cada grande ano, nas coisas maiores e também nas menores.²⁸ (Nietzsche, 2018, p.211)

A grande lição do eterno retorno nesta passagem elucida a existência de um grande ano, um novo ciclo que se reinicia, onde tudo novamente se repete. Não haveria um novo lugar, não para uma vida nova nem melhor, mas para a mesma vida com tudo disposto da mesma maneira. Tudo voltará a acontecer neste grande ano. Em outras palavras: esta vida que estamos vivendo e já aconteceu antes e será vivida incontáveis vezes. Cada dor, cada prazer, cada suspiro e cada pensamento. A ampulheta do destino é sempre virada. Tudo volta sempre e eternamente. Então o herói e seus animais também voltarão e novamente este fato se repetirá na eternidade do tempo. Deste modo, para superar o eterno retorno do mesmo, de superar seu niilismo, é o de “criar a partir de si mesmo uma trajetória pela qual possa ansiar e desejar esta volta, tornando-se artífice de si mesmo: um artista que esculpe sua vida de tal modo a poder orgulhar-se dela” (CILENTO, 2022, p. 171). Kossovitch (1979, p. 98) reitera que a saída para suportar o eterno retorno do mesmo é ter forças para criar. Se os valores não forem transmutados, a força opressora desta intuição abissal, o maior dos pesos, o homem sucumbirá. não é possível de ser combatida. Enfrentar a experiência da eterna repetição é desfrutar dela. É saber caminhar por uma trilha de incertezas em um processo de criação incessante. Kossovitch (1979, p.103-104) explicita esta questão: não há nem início nem fim no devir. A única saída possível dentro destas condições é que o devir se repita. Nesta “combinação exaustiva das forças”, em um período infinito, todas as possíveis combinações seriam, ao menos uma vez, realizadas. Esta constatação adiciona, portanto, ainda mais peso ao maior dos pesos. Além de suportar a infinita repetição, qual seria a saída para suportar que o devir, caso tivesse um estado final, já o teria alcançado? Como não cair no niilismo? Dizendo “Sim” a isto é, como já dito, a maior das afirmações, uma vez que “o valor do instante, do tempo presente, daquele que faz e diz ‘Sim’ à vida e, por isso pode amá-la (amor fati) a ponto de querer vivê-la novamente” (CILENTO, 2022, p. 38). De acordo com Scarlett Marton (2016b, p.19), é um primeiro movimento aceitar o eterno retorno de tudo. “Aderir de modo incondicional a tudo o que advém acolher o

²⁸ NIETZSCHE, F. *Za/Zarathustra*, III, O convalescente, 2.

sofrimento como parte integrante da existência, abraçar o amor fati, é ‘um sagrado dizer-sim’ à vida” (MARTON, 2016b, p. 19). Em outros termos, Marton destaca a necessidade de se aceitar o destino, de amá-lo, entendendo que o sofrimento faz parte da vida, deve-se acolhê-lo e aceitá-lo como necessário, tornando-se mais forte. Esta é uma maneira de se afirmar a vida, sem ressentimento ou acusação por ser o que a vida é: caos e devir.

Mas eu sou alguém que abençoa e diz Sim quando estás ao meu redor, ó céu puro, ó luminoso! Abismo de luz! – a todos os abismos levo o meu Sim abençoador. Tornei-me alguém que abençoa e diz Sim: para isso pelejei muito tempo e fui um lutador, de modo a um dia ter as mãos livres para abençoar²⁹. (NIETZSCHE, 2018, p.159)

2.5 – Amor fati

Como vimos, vários indícios do conceito de amor fati já foram levantados ao longo deste trabalho, pois necessariamente ao explicitarmos algumas das ideias pertencentes à doutrina do eterno retorno foram entrelaçadas. Ao recuperarmos estes indícios, já pudemos perceber que o conceito de amor fati está relacionado à ideia de que o homem deve ser o escritor de sua história, que, apesar dos desencontros, dores e perdas, não se lamenta e nem acusa a vida. É aquele que pode dizer: “Assim eu quis!” em detrimento do “Foi”, sem se amargurar, se culpar ou se ressentir com o passado. Portanto, é aquele que pode ansiar e desejar a repetição. É feliz, porque fez de cada instante sua afirmação. Este é o querer “cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas³⁰” (NIETZSCHE, 2012, p. 166). É o querer ser apenas alguém que diz *Sim*! Amar este destino, amar esta fatalidade, conforme explicita Scarlett Marton (2016b, p. 44), não significa “adotar uma atitude resignada ou submissa”. Pelo contrário, ser capaz de amar o destino “é aceitar tudo o que há de mais terrível e mais doloroso, mas também tudo o que há de mais alegre e exuberante na vida; em suma, é afirmar de modo absoluto e incondicional tudo o que ocorre”. Deste modo, vemos que não existe maior afirmação da existência do que “a afirmação de que tudo retorna um número infinito de vezes”.

Roberto Machado (2001, p. 142) afirma que o importante em afirmar, concordar com o eterno retorno é poder viver cada momento “como se cada instante da vida fosse retornar eternamente. Querer a eternização do instante vivido, pela afirmação do seu eterno retorno, é amar a vida com o máximo de intensidade.” A possibilidade de amar o destino – amor fati, só pode ocorrer quando há uma nova transvaloração ao superar os dois tipos de niilismo. O reativo, que suprime o mundo transcendente e o passivo que forja homens vis, medíocres, covardes e mesquinhos. E grande parte do mal-estar de Zaratustra quando da fala do adivinho reside

²⁹ NIETZSCHE, F. Za/ZA, III, Antes do nascer do sol.

³⁰ NIETZSCHE, F. FW/GC, IV, 276.

justamente em vislumbrar que este tipo de homem também retornará. Torna-se seminal, portanto, realizar um novo movimento – tornar-se um niilista ativo. Não mais acreditar num mundo transcendente, nem em um julgamento após a vida e a morte, nem em céu e inferno, como pregava o zoroastrismo e a própria metafísica. Ou há este movimento ou a opressão provocada pelo eterno retorno do mesmo, o sufocará. Para Constantinidès, passar pelas dores do niilismo é uma passagem necessária. Afirma que não adianta tentar fugir dele pois é preciso que se viva esta passagem até o fim na esperança que “essa grande provação purificadora tornará possível a inversão dos valores decadentes e o estabelecimento de uma ‘nova hierarquia’”. (CONSTANTINIDÈS, 2007, p. 129). Corroborando estas ideias, Cilento ressalta que para superar o niilismo reativo e, através da transvaloração dos valores, alcançar o niilismo ativo, “consiste na ideia de que o homem adote uma nova postura diante da vida.” (CILENTO, 2022, p. 37).

O niilismo ativo exprime força, mudança, radicalidade, afirmação elevando o indivíduo a uma existência desalienante, e talvez, até livre de todos os paradigmas. Enquanto o niilismo passivo, denota um indício de fraqueza, cansaço, aceitação e resignação. (DE LIMA, 2024, p. 172)

Este dizer *Sim*, adotando uma postura ativa, é libertador. “É a afirmação que liberta; ou melhor, ela é índice da libertação, na medida em que pressupõe uma tonalidade intensiva capaz de afirmar” (KOSSOVITCH, 1979, p. 115). Ser alguém que afirma é colocar-se como alguém disposto a construir uma nova vida, criar novos valores, uma vida em que cada instante pode ser repetido sem que seja este o maior dos pesos. Por fim, cabe retornarmos ao aforismo 276 de *A Gaia Ciência*.

que pensamento deverá ser para mim razão, garantia e doçura de toda a vida que me resta! Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! (...) E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!³¹” (NIETZSCHE, 2012, p. 166)

Sem desconsiderarmos todas as contundentes críticas realizadas à moral, à metafísica e a todos os valores que movem a nossa cultural ocidental, este aforismo revela a amorosidade de um processo que se inicia nele mesmo – o de tornar belas todas as coisas. Reside aqui a dimensão propositiva da filosofia de Nietzsche. Não há apenas a figura de um martelo destruidor, mas um esmeril que lapida um diamante bruto. Aqueles que tornam todas as coisas belas, também se tornam belos. Mas há um segundo movimento – é preciso também considerar como belo, o que há de necessário nas coisas. Este é um dos pontos de maior dificuldade de

³¹ NIETZSCHE, F. FW/GC, IV, 276.

apreensão. Isto significa que o que é necessário de todas as coisas é o devir, a ação e corrupção dos corpos. Ora, este é reflexão: como amar aquilo que passa? Algo que é insuportável para o escravo. Em outras palavras, também significa amar o instante. “Tudo o que deseja é converter-se em alguém que afirma.” (MARTON, 2016b, p. 28-29). É preciso que entendamos que o filósofo não era um destruidor ou um simples crítico da civilização moderna, mas um pensador que buscava “tornar possível um tipo supremo de humanidade, emancipado da exigência de transcender e disposto a dizer ‘sim’, sem a menor hesitação, a um mundo desprovido de sentido, propósito e horizonte que não sejam humanos” (CONSTANTINIDÈS, 2007, p. 129).

3. CONCLUSÃO

Nossa pesquisa objetivou elucidar pontos essenciais da doutrina do eterno retorno e do conceito de amor fati. Percebemos ao longo de nosso percurso que não seria possível tratar destes temas, sem antes esclarecer seus temas correlatos. São eles: o valor dos valores, a dupla origem dos valores na origem: “*Bom e mau*”; “*bom e ruim*” e o eterno retorno do mesmo e os tipos de niilismo. Estes temas por si só dariam origem à inúmeros outros trabalhos e com muitos e necessários desdobramentos que, por falta de espaço disponível, foram apenas apontados e explicados de modo sintético. Sem eles, entretanto, o rigor de nossa pesquisa ficaria comprometido. Do mesmo modo, o mesmo se sucedeu para a nossa discussão sobre a doutrina do eterno retorno e do próprio conceito de amor fati.

Procuramos proceder pedagogicamente, delineando e extraíndo das três primeiras partes da obra *Assim Falou Zaratustra*, elementos que nos permitiram esboçar e esclarecer estes termos. Não conseguimos, no entanto, e nem pretendemos abarcá-los como um todo e muito menos esgotá-los. De tudo aquilo que lemos, as maiores lições são para a vida. A relevância dos estudos sobre Nietzsche se concentra na ideia de que ele é um educador, alguém que, sem receita comum para todos, sem imposições, nos convida ao autoconhecimento e à coragem de ser si mesmo. Diante de um mundo que cada vez mais nos assombra, fascina e nos apavora, encontramos em Zaratustra uma profundidade que só pode ser compreendida por aquele que já passou por extrema solidão. Ao lermos Nietzsche com afinco e dedicação, apoiado por renomados comentadores, podemos nos apropriar dele em nossa própria medida, não por erudição (mas também), antes por nos ensinar a aprender a amar a vida, amar o destino, chegando à maior das afirmações que é sermos capazes de dizer *Sim* à uma vida que pode se repetir infinitas vezes com todos os seus melhores e piores momentos. Nos ensina sobre a preciosidade de cada instante. Que consigamos dizer *Sim* para a vida sempre.

4. Referências

- AMUSQUIVAR JUNIOR, Newton Pereira. **A recepção de Heráclito na filosofia de Nietzsche**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2019, p. 295.
- BRITO, Maria dos Remédios. *Quem É O Zaratustra De Nietzsche? – Zaratustra Como Educador*. **Comunicações Piracicaba** v. 23 n. 2 p. 283-298 maio-agosto 2016.
- CILENTO, Angela Zamora. **Educar para o caos: História, cultura, arte e política em e para além de Nietzsche**. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, p. 249, 2022.
- CILENTO, Angela Zamora. **Uma reconstituição da Genealogia da Moral de Nietzsche: Crítica e construção**. Tese (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 116, 1995.
- CONSTANTINIDÈS, Yannis. O niilismo extático como instrumento da grande política. **Cad. Nietzsche**, 22, p. 127-151, 2007.
- DE LIMA, Michelle Ferreira. *Niilismo ativo e niilismo passivo na filosofia de Nietzsche*. **Revista Paranaense de Filosofia**, v. 4, n. 2, jul.-dez., p. 167-181, 2024.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- FILLON, Alexandre. *Da paixão do conhecimento ao eterno retorno*. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.44, n.2, p. 41-66, maio/agosto, 2023.
- HÉBER-SUFFRIN, Pierre. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 1991.
- HEIDEGGER, Martin. *A sentença nietzschiana “Deus está morto”*. **Natureza Humana**, 5(2), p. 471-526, julho/dezembro, 2003.
- KOSSOVITCH, Leon. **Signos e poderes em Nietzsche**. São Paulo: Ática, 1979.
- MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- MARTON, Scarlett (ed.). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016a.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo, “a concepção básica de Zaratustra”. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.2, p. 11-46, julho/setembro, 2016b.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- VATTIMO, Gianni. **Introdução a Nietzsche**. Lisboa: Editorial Presença, 1985